

Trabalho e Qualificação nas Cadeias de Produção Global - trajetórias e perspectivas dos trabalhadores das confecções de Goiânia-GO

Cláudia Borges Costa

Resumo

O propósito deste texto é apresentar uma pesquisa em andamento, intitulada “Trabalho e Qualificação nas Cadeias de Produção Global - trajetórias e perspectivas dos trabalhadores das confecções de Goiânia-GO”. A referida pesquisa objetiva identificar o público de trabalhadores e suas trajetórias de inserção e permanência nas confecções, sua inclusão na formação escolar e profissional e esclarecer as relações e condições de trabalho que marcam a realidade desses trabalhadores. Pretende-se analisar a trajetória de formação escolar e profissional, bem como sua história, a produção desenvolvida para seu sustento e de sua família e o possível vínculo com a produção das cadeias globais de confecções de roupas. No que se refere à metodologia, optou-se pela pesquisa do tipo qualitativa por entender que suas características básicas permitem a apreensão do objeto em tela.

Palavras Chaves: Trabalho. Educação. Confecções.

APRESENTAÇÃO

A pesquisa intitulada “Trabalho e Qualificação nas Cadeias de Produção Global - trajetórias e perspectivas dos trabalhadores das confecções de Goiânia” pretende investigar os trabalhadores das confecções da região de Goiânia, no que diz respeito às trajetórias e perspectivas dos jovens e adultos envolvidos no setor de produção das referidas confecções.

Ao se pensar nos jovens e adultos e o mundo do trabalho, deve-se considerar que, nesse contexto, as conexões que se constituem entre a escolarização básica e qualificação profissional podem possibilitar, ou não, a inserção, a permanência e também a mobilidade dos educandos(as) na sociedade, bem como no mundo do trabalho.

A proposta de pesquisar os jovens e adultos trabalhadores das confecções de Goiânia é estimulada pelo o grande quantitativo de pessoas envolvidas no segmento. Esse grupo tem aumentado na cidade, sobretudo a partir da década de 1990. As características desses trabalhadores confirmam as condições de trabalho que carregam a marca da identidade de grande parte dos trabalhadores desse país, quais sejam, alta informalidade, parcela envolvida

no chamado trabalho a domicílio, a baixa qualificação escolar e profissional, o que termina por refletir no processo de precarização no setor de confecções, sem o resguardo da legislação trabalhista.

Para além da situação de trabalho precarizado, a situação dos trabalhadores pelo Brasil revela a condição análoga à escravidão em muitos espaços de confecções, inclusive envolvendo marcas internacionais. Por meio de um recorte de quatro anos nos registros advindos dos Relatórios das Superintendências Regionais do Trabalho e Emprego é possível perceber, inclusive nesse ano de 2014, essa realidade sendo denunciada.

Reportar-se a esse universo empírico permite deparar-se com trajetórias de vida, as quais podem apresentar inúmeros elementos a serem analisados. São vivências particulares ou sociais, derivadas de relações travadas no mundo do trabalho, sobretudo nas novas configurações em curso no contexto atual, as quais podem ser percebidas no âmbito mundial, a saber, a restrição aos postos de trabalho estáveis e o crescimento do trabalho precarizado e informal como saída possível para aqueles trabalhadores impedidos de se inserir no mercado de trabalho formal.

Com esta perspectiva, a presente pesquisa justifica-se, também, na medida em que busca refletir sobre as relações dialéticas entre o subjetivo e o social, isto é, o movimento de contradições próprio dos vínculos construídos na sociedade, sobretudo no âmbito que envolve educação e trabalho. As trajetórias de vida dos trabalhadores, o contexto em que estão inseridos no segmento profissional de confecção de roupas poderá dialogar com os complexos conhecimentos epistemológicos e ontológicos da formação humana.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa investigação pretende empreender uma pesquisa do tipo qualitativa, por entender que suas características básicas permitem uma melhor apreensão do objeto em sua totalidade, pois “se desenvolve numa situação natural, é rica em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada.” (LUDKE; ANDRÉ 1986, p. 18).

Os estudos qualitativos, com o olhar da perspectiva sócio-histórica, poderão contribuir na valorização dos aspectos descritivos e as percepções pessoais, as quais focalizarão o particular como elemento constituinte na globalidade do contexto social.

Segundo a perspectiva dos estudos qualitativos, o conhecimento científico assume o caráter do conhecimento crítico, assim, a teoria crítica contribui para apreensão crítica da realidade. É possível compreender que o pensamento crítico científico possui movimentos

essenciais; primeiro pressupõe a desconfiança diante o que senso comum apresenta, e o segundo movimento, por seu turno, é o questionamento sobre sua própria produção investigativa, nesse sentido, precisa do olhar e interpretação de outros sujeitos que possam propor novas indagações.

A pesquisa científica em uma perspectiva epistemológica exige a organização de procedimentos necessários para elaboração da ciência sobre os objetos e os problemas concretos revelados pela sociedade. Essa revelação aponta inúmeras necessidades, complexas, amplas e provocativas, portanto, há exigências de procedimentos, os quais precisam atender ao rigor da pesquisa científica e também representam condições ativas e de possibilidades inovadoras. Conforme Duarte (2012, p. 63)

os estudos qualitativos em geral, o objetivo muitas vezes está mais relacionado à aprendizagem por meio da identificação da riqueza e diversidade, pela integração das informações e síntese das descobertas do que ao estabelecimento de conclusões precisas e definitivas. Por isso, a noção de hipótese, típica da pesquisa experimental e tradicional, tende a ser substituída pelo uso de pressupostos, um conjunto de conjecturas antecipadas que orienta o trabalho de campo.

O setor econômico pertinente à pesquisa apresenta um campo amplo e revela de uma forma geral quatro fases produtivas e relacionadas, a saber, a produção de fios, preparação para tecelagem, denominada de fase de **fiação**; a **tecelagem** fabricação de tecidos; o **acabamento**, o que propicia ao tecido características próprias e, por fim, a quarta e última fase, a **confeção** onde o produto toma forma de vestuário.

No que se refere à produção da região de Goiânia, Castro e Brito (2010) chamam a atenção para a especificidade das confecções prioritariamente de roupas femininas estruturadas com o seguinte perfil: indústria de confecção; estamparias; lavanderias; facções (montagem e acabamento). Além das lojas de distribuição no mercado (varejo e atacado); transportadoras e representantes comerciais (vendas sob encomenda para outros mercados) compõem a cadeia têxtil de Goiânia.

Nesse sentido, a proposta será buscar representantes dos quatro primeiros segmentos: confecções, estamparias, lavanderias e facções. Estes segmentos estão espalhados por toda a cidade de Goiânia. Pretende-se demarcar quatro espaços que constituem aglomerados do setor das confecções, são eles: **Setor Norte Ferroviário, Bairro Goyá, Jardim Fonte Nova e Vila Romana**. Nos referidos espaços existe uma mistura de trabalhadores formais em

confeções ou lavanderias e estamparias com firmas registradas, bem como trabalhadores informais em espaços domiciliares.

Para a coleta de dados e informações serão utilizados os seguintes instrumentos. O primeiro será um Roteiro, em anexo, para um diálogo inicial com trabalhadores envolvidos na confecção de roupas da cidade de Goiânia.

A realização das entrevistas, com caráter aprofundado, tem o objetivo de ouvir as histórias de vida dos trabalhadores das confecções. Conforme Lanlada (1998, p. 877) “Na realidade, uma história de vida não é uma sequência (uniforme) de acontecimentos, mas é um traçado, por vezes sinalizado por acontecimentos marcantes, momentos de transição que confirmam trajetórias ou contribuem para as redefinir.”

A entrevista em profundidade, conforme Lanlada (1998, p. 975) “permite abordar, de um modo privilegiado, o universo subjetivo do ator, ou seja, as representações e os significados que atribui ao mundo que o rodeia e aos acontecimentos que relata como fazendo parte da sua história.”

Este recurso metodológico, denominado entrevista aprofundada, apresenta-se como uma técnica qualitativa que indaga um assunto na perspectiva de informações, percepções e experiências dos sujeitos para estudá-las e organizá-las de forma ordenada. Essa abordagem é oportuna para desenvolver o caráter flexível ao permitir que os sujeitos entrevistados deliberem os termos da resposta ao mesmo tempo em que propicia ao entrevistador adequar de forma mais livre suas perguntas. Conforme argumenta Duarte (2012, p. 63):

a entrevista em profundidade não permite testar hipóteses, dar tratamento estatístico às informações, definir a amplitude ou quantidade de um fenômeno. Não se busca, por exemplo, saber quantas ou qual a proporção de pessoas que identifica determinado atributo na empresa “A”. Objetiva-se saber como ela é percebida pelo conjunto de entrevistados.

A entrevista possibilitará conhecer a trajetória de vida dos trabalhadores do setor das confecções; inserção no trabalho das confecções, continuidade, descontinuidade, condições e espaço de trabalho, o lugar ou o não da escola em sua vida, a qualificação ou não profissional etc. A pretensão será entrevistar quatro trabalhadores de cada bairro, pertencentes, respectivamente, aos quatro segmentos: confecções, estamparias, lavanderias e facções. O levantamento de informações, por intermédio de entrevistas, serão realizados por meio de um gravador de voz. A utilização de um caderno de memória será utilizado para relatar as observações do cotidiano das instituições. Além desses registros a fotografia também será utilizada como fonte histórica. Na argumentação de Ciavatta (2009, p. 113), “a fotografia pertence a um conjunto de processos em que ciência, técnica e arte estão imbricadas na

criação de um mundo de possibilidades no domínio da imagem.” Por meio da fotografia será possível refletir a subjetividade humana, a realidade do contexto e fazer a crítica às ideias que legitimam ou não a situação concreta da existência dos trabalhadores das confecções.

DESCRIÇÃO DAS ETAPAS DA INVESTIGAÇÃO

A pesquisa iniciou com a análise do material produzido por meio de uma metodologia eminentemente qualitativa, que mobiliza, além da pesquisa bibliográfica, a combinação de três procedimentos, quais sejam, consulta a fontes documentais, realização de observações diretas em campo e realização de entrevistas com alguns atores convidados verbalmente.

A primeira etapa da pesquisa tem-se voltado para apropriação dos fundamentos teóricos e metodológicos por meio da busca da literatura pertinente, a fim de subsidiar as respostas previstas pelas questões da pesquisa. A análise documental – leis, resoluções, pareceres referente à Educação Profissional, será necessária para contribuir na contextualização do campo da formação profissional no país. Pretende-se recorrer aos documentos que possam trazer os dados de inúmeras instituições.

A segunda e terceira etapas podem ser consideradas indissociáveis, pois fazem parte da entrada direta no campo a ser pesquisado. Após o conhecimento prévio dos espaços em que aglomeram as confecções, sejam firmas registradas ou espaços domiciliares, irá possibilitar a escolha dos locais em que os participantes serão entrevistados.

Por se tratar de pesquisa aprofundada, a proposta da entrevista terá apenas uma questão inicial que irá indicar o norte do diálogo. Dessa forma, será apresentada a seguinte questão: *Comente sua trajetória de vida a partir do início de seu trabalho no setor das confecções.* Na sequência dessa etapa de coleta de dados, virá a fase da análise, principalmente, das entrevistas transcritas, bem como a produção das interpretações, o que será realizado em constante diálogo com os teóricos abordados na revisão da literatura.

DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

No final no século XX e início desse novo milênio, um dos debates necessários pautou-se na nova configuração da classe trabalhadora. Esse debate busca elucidar que os trabalhadores ao longo da história vem apresentando suas diferentes formas de organização e desenvolvimento em relação às forças produtivas, o que confirma a importância e reafirma a centralidade do trabalho.

Nessa discussão é importante trazer o contexto da mudança do processo de produção fordista/taylorista para o desenvolvimento de um novo arquétipo industrial e tecnológico, estabelecendo novos padrões de organização e de gerenciamento do trabalho. Essa passagem tem apresentado a reestruturação produtiva, apoiando-se no modelo toyotista, também conhecido como acumulação flexível. Conforme Ianni (1974), essa acumulação é pautada na crítica contundente ao rigor do fordismo, aderindo-se à flexibilidade dos processos inerentes ao trabalho, aos produtos e aos modelos de consumo.

Conforme Hobsbawm (2002), analisar essa realidade é pensar no legado cultural do processo anterior, que culminou no atual modelo de desenvolvimento do capitalismo. O trabalhador fordista, que fazia parte da produção em massa, convivia com o trabalhador detentor de outro perfil, a saber, polivalente e com maior grau de instrução. No novo contexto do processo produtivo outras situações são colocadas, exigindo um trabalho sob novas formas, novos padrões de comportamento, assim, instiga-se diferentes situações de “participações”. As empresas buscam chamar a atenção dos trabalhadores no sentido de aperfeiçoar o processo de trabalho por meio de seu esforço e mérito. Este padrão industrial representa muito mais uma forma de administração do que uma mudança na situação do trabalhador. Argumenta Braverman (1974, p. 43), a ideia de participação concedida ao trabalhador, por exemplo, a autonomia de adequar a máquina, mudar uma simples peça, uma “lâmpada” e “[...] escolher entre alternativas fixas e limitadas, projetadas pela administração, que deliberadamente deixa coisas insignificantes para escolha”.

Para Braverman (1974), no contexto contemporâneo existe uma diferença entre modificar estilos de gestão e alterar a posição estrutural do trabalhador na conjuntura capitalista. Esta defesa feita em 1974 desvela a postura pouco visível da ordem capitalista de se perpetuar no poder por meio da relação exploradora capital-trabalho.

Conforme o contexto de mudanças por meio do surgimento de novas configurações de trabalho, principalmente o trabalho precarizado, percebe-se o aumento do trabalho informal nas cidades brasileiras, sobretudo do grupo de trabalhadores desempregados. Buscar a informalidade é uma via de sobrevivência de muitos homens e mulheres no contexto atual, nesse sentido, o trabalho domiciliar tem se configurado como uma alternativa.

Essa realidade é constatada no setor de confecções, isto é, o avanço tecnológico e organizacional nas empresas fabris impediu inúmeros trabalhadores ao acesso ou permanência aos postos formais das fábricas, obrigando-os a buscar alternativas de trabalho e renda. O trabalho informal, domiciliar, distingue-se por ser uma ferramenta que também valoriza o

capital, isso é possível por meio de formas flexibilizadas na estruturação do trabalho, sobretudo no formato da descentralização da produção da indústria.

No setor das confecções a subcontratação dos trabalhadores domiciliares representa um meio externo à empresa, mas que alimenta o capital. Isso reduz custos, sobretudo no âmbito da força de trabalho e dos contratemplos que possam apresentar no processo produtivo. Para Antunes (2008), a intensificação das formas de extração do trabalho são óbvias.

Em um panorama geral, o contexto do estado de Goiás conta com 15.516 mil confecções formais, conforme dado da Receita Federal- Declaração Anual do Simples Nacional/DASN/2011 e quase o dobro na informalidade, com oferta de emprego aproximadamente 200 mil pessoas, direta e indiretamente. Houve uma grande ampliação do emprego na indústria de confecções no arranjo, no período de 1997 a 2004, com o índice de 72% de crescimento no estado de Goiás.

Goiânia apresentou o índice de 68,48% de elevação de oferta de postos de trabalho no campo das confecções, conforme assevera Castro e Brito (2010). Os mesmos autores chamam a atenção para a especificidade da produção da região de Goiânia, a saber, confecções prioritariamente de roupas femininas estruturadas com o seguinte perfil: indústria de confecção; estamparias; lavanderias; facções (montagem e acabamento); lojas de distribuição no mercado (varejo e atacado); transportadoras; representantes comerciais (vendas sob encomenda para outros mercados).

A temática a ser pesquisada pretende melhor esclarecer as relações e condições de trabalho que marcam a realidade das confecções. As condições de trabalho estão relacionadas com as transformações no universo do trabalho na contemporaneidade? Quais as contradições? Analisando a reestruturação produtiva, quais conflitos podem ser percebidos na subjetividade, bem como na organização dos trabalhadores? Enfim, quem são estes(as) trabalhadores (as) nas confecções da região de Goiânia-GO? Como foi sua trajetória de vida, o trabalho na produção de roupas desenvolveu seu sustento e de sua família e também criou vínculo com a produção das cadeias globais de confecções de roupas? Qual o lugar ou o não-lugar da escola para esses trabalhadores? A qualidade do trabalho desenvolvido pelos os trabalhadores das confecções implica na qualificação profissional? Relaciona-se com o valor a ser pago por peça de roupa confeccionada? Como as pessoas aprenderam esse ofício, fruto da construção de sua identidade como trabalhador ? Ou fruto de sua sobrevivência?

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa científica não é uma ação imparcial, efetivada ao acaso ou manejada pela neutralidade do pesquisador. De fato, ela recebe as influências do contexto social mais amplo, por exemplo, as condições políticas, econômicas e sociais, conforme o período histórico em que se encontra a sociedade. Dessa forma, a pesquisa deve ter como centro o trabalho teórico e a utilização dos conceitos que possam dialogar com a realidade objetiva e suas dificuldades nas suas várias dimensões e diversidades. Nesse sentido, os estudos teóricos realizados possibilitarão um aprofundamento de conceitos e categorias, imprescindíveis à pesquisa.

A Cadeia Têxtil e de Confecção (CTC), definida por Keller (2010, p. 18) “como o conjunto de atividades produtivas que somam as atividades tradicionais que formam o chamado setor têxtil em si – fiação, tecelagem e acabamento – mais as atividades do setor de confecções.”, vive sua reconfiguração mundial ao seguir o curso da economia global. O processo de globalização dos mercados ocorre sob um novo contexto competitivo, conforme Keller (2010)

O referido autor argumenta que as principais mudanças na CTC mundial no âmbito global só interferiram no contexto brasileiro a partir do processo de aceleração de liberalização comercial, ao tomar esse caminho como possibilidade de assegurar grande desenvolvimento econômico por meio do mercado. Essa liberalização comercial se desenvolve entre o final da década de 1980 e final da década de 1990. Esse contexto promoveu uma reviravolta nas empresas brasileiras como o objetivo de adaptarem aos moldes competitivos do mercado global.

Com a perspectiva de buscar estratégias empresariais, tomou-se a alternativa individualizada, o que contribuiu para o crescimento da crise e do conflito instalado no contexto da indústria têxtil brasileira na década de 1990. Na análise de Keller (2010, p. 103), a crise no âmbito da indústria têxtil e confecções não deve ser conferida “apenas ao processo de abertura comercial, que desencadeou onda de importações de insumos básicos e depois de manufaturados têxteis e de confeccionados, mas também à crise da produção do algodão brasileiro(...)”.

Com a compreensão da caracterização da cadeia de produção, as estratégias de reconfiguração, conforme argumenta Keller (2010), destaca-se de forma relevante no final da cadeia. A fase da confecção e moda, a partir do incentivo as exportações de artigos que apresentavam maior valor reunido, além da advocacia de vínculos mais cooperativos ao longo da produção.

Ao observar as etapas da produção têxtil, a fiação apresenta produção mais intensa em perfil de automação, no entanto, a fase da confecção, no âmbito do vestuário, ainda é marcada pela utilização de mão-de-obra. Essa caracterização é parte da estrutura de mercado da indústria têxtil e de confecções do Brasil.

No Brasil a esfera da confecção tem se apresentado de forma bastante fragmentada, predomina-se micro e pequena empresa. No âmbito da tecelagem e fiação existe uma coexistência das empresas pequenas com as empresas de grande porte.

Em 2010 houve um crescimento relevante da produção do país. A divulgação dos produtos nacionais no comércio externo, especialmente os mercados voltados para o ramo da confecção, ampliação das empresas agregadas como marcas e design, marketing, comercialização e distribuição da produção. Também a movimentação e expansão da produção para outros lugares, por exemplo, região sudeste para nordeste, foram mudanças que propiciaram às empresas brasileiras inseridas na indústria têxtil e de confecção a possibilidade de resistirem ao contexto competitivo.

A partir da década de 1980, o debate da qualificação do trabalho ganhou evidência, sobretudo no continente europeu. As transformações tecnológicas, econômicas, políticas e culturais do período interferiram diretamente no mundo do trabalho. A exigência de um novo formato da qualificação para atender aos novos desenhos da sociedade capitalista foi fundamental para essa temática tornar-se relevante.

No continente europeu as transformações tecnológicas, econômicas, políticas e culturais que atingiram o mundo do trabalho marcaram o esgotamento do modelo regulador fordista, bem como as técnicas tayloristas de produção. O modelo de acumulação flexível passa a ser a alternativa encontrada pelo capitalismo para superar a crise da década de 1970. Conforme argumenta Harvey (2007, p. 140)

(...) as décadas de 70 e 80 foram um conturbado período de reestruturação econômica e de reajustamento social e político. No espaço social criado por todas essas oscilações e incertezas, uma série de novas experiências nos domínios da organização industrial e da vida social e política começou a tomar forma. Essas experiências podem representar os primeiros ímpetus da passagem para um regime de acumulação inteiramente novo, associado com um sistema de regulamentação política e social bem distinta. A acumulação flexível, como vou chamá-la, é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo.”

Aqui no Brasil na década de 1990 essa discussão se faz mais presente em função do contexto da flexibilização das relações de trabalho, diminuição dos operários nas atividades produtivas, redução do emprego, desafio aos sindicatos com essa nova configuração e estruturação na linha de produção. Conforme Pochmann (2010, p. 7), “Este ciclo perverso de

regressão produtiva e ocupacional ocorreu simultaneamente ao fortalecimento da ordem liberal durante a década de 1990.”

Na argumentação de Paiva (1989), as exigências são voltadas para uma “atualização das competências profissionais” e “sócio-comunicativas”. Essas são consequências das novas tecnologias que, para concretização do trabalho qualificado, exige-se qualificação original

Nesse debate da qualificação voltada para o contexto da flexibilização do trabalho, a condição das “competências” também ganha valor. Na opinião de Ferretti (2004), muitas vezes a ideia de competência pensada como qualificação profissional torna-se equivocada. Para esse autor a qualificação profissional está no campo dos estudos sociológicos, enquanto a noção de competências está no âmbito econômico, embora a sociologia do trabalho tenha realizado estudos e análises, sobretudo por fazer parte do contexto atual do mundo do trabalho.

No que diz respeito ao setor das confecções, a falta de mão-de-obra qualificada faz parte do discurso cotidiano dos empresários, administradores e economistas envolvidos com essa reflexão, no entanto, a pouca qualificação é uma realidade que precisa ser analisada sob o ponto de vista de outros elementos que contribuem para esse contexto. Como este setor está marcado pelo trabalho precarizado, o baixo custo pago pela produção das peças produzidas dificulta a presença de trabalhadores qualificados.

Algumas Considerações

Na expectativa de aproximar do objeto da pesquisa foi aplicado um roteiro para um primeiro diálogo com os trabalhadores das confecções de Goiânia-GO. A tentativa dessa aproximação buscou o contato com representantes de três grupos: 1º- trabalhador formal de uma empresa de confecção; 2º- trabalhador informal em domicílio (fação de acabamento); 3º- profissional autônomo que confecciona as roupas e também comercializa a mercadoria e, 4º- trabalhador de uma lavanderia.

As primeiras impressões percebidas diz respeito a grande quantidade de horas dispensadas ao trabalho, a baixa escolarização, a ausência de tempo gasto com a formação para o trabalho, além da parca remuneração. O contato com o campo próprio da pesquisa já possibilitou perceber que o universo dos trabalhadores, sobretudo o contexto das trabalhadoras, caracteriza-se por uma relação precarizada de trabalho. Nos registros realizados a partir do diálogo com uma trabalhadora na garagem de sua casa, que enquanto

conversava comigo pinçava com os dedos fragmentos de linhas das peças confeccionadas, revela:

Pesquisadora: Você sabe responder quantas peças dessa você faz no dia?

Trabalhadora: Acho que umas mil. Eu só, não, esse povo todo cata linha também (esse povo eram duas pessoas – uma adolescente e uma senhora irmã e sobrinha da trabalhadora).

Pesquisadora: Quer dizer que você fica o dia todo nessa cadeira?

Trabalhadora: O dia e também noite, quando é preciso.

Pesquisadora: Qual o horário você começa? Quando pára de trabalhar?

Trabalhadora: Depende quando tem muitas peças, quando eles ligam dizendo que vai trazer um lote grande de roupas, a gente já prepara para começar às 7h e só parar às 23h ou mais.

Pesquisadora: E quando vocês ganham? É por peça?

Trabalhadora: Depende, se for peça grande como calça é R\$ 0,40 e se for peça menor, R\$ 0,23.

Pesquisadora: Você estudou?

Trabalhadora: Estudei até o ensino primário.

Pesquisadora: Você não gostaria de estudar mais, retornar a escola?

Trabalhadora: É até pensei, mas a gente precisa trabalhar, né, para sobreviver, né, acho difícil voltar a estudar.

Essas e outras conversas são reveladoras do caminho da pesquisa que inicialmente busca um entrelaçamento do trabalho com a educação. Parece-me que a questão colocada pelos trabalhadores, a pesquisa e a pesquisadora será estimulada a refletir e dialogar com o “não lugar da escola” para os trabalhadores das confecções de Goiás.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho*: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

_____. Ricardo; ALVES Giovanni. **As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital**. In: *Revista Educação e Sociedade*, vol. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004.

_____. Ricardo. **Adeus ao trabalho ? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 13^a edição, São Paulo: Cortez, 2008.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974. (Parte 1, p. 13-134).

Dourado, Luiz Fernandes. **Reforma do Estado e as políticas para a educação superior no Brasil nos anos 90.** *Educ. Soc.*, Set 2002, vol.23, no.80, p.234-252. ISSN 0101-7330

FERRETTI, Celso João. **Considerações sobre a apropriação das noções de qualificação profissional pelos estudos a respeito das relações entre Trabalho e Educação.** *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 25, n. 87, p. 401-422, maio/ago. 2004. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21463.pdf>

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação, crise do trabalho assalariado e do desenvolvimento: Teorias em conflito.** In: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). *Educação e crise do trabalho: Perspectivas de final de século.* Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p. 25-54.

_____. A nova e a velha faces da crise do capital e o labirinto dos referenciais teóricos. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria (orgs.). *Teoria e educação no labirinto do capital.* Rio de Janeiro: Vozes, 2001, p. 21-46.

_____. *Educação e a crise do capitalismo real.* São Paulo: Cortez, 2003.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. **Desemprego, uma construção social: São Paulo, Paris e Tóquio.** Belo Horizonte-MG: Argvmentvm, 2009.

HARVEY, D. (2008). **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** São Paulo, Ed. Loyola. 17ª Ed.

HOBBSAWM, Eric. **Tempos interessantes: uma vida no século XX.** Trad. S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

IANNI, Otavio. **O mundo do trabalho.** *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, Fundação Seade, v. 8, n. 1, 1994.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio.** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo Escolar. 2010

KELLER. Paulo F. **Globalização e mudança na cadeia têxtil brasileira** – São Luís: Edefma, 2010.

LALANDA, Piedade. Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa Sociológica. *Revista Análise Social*, vol. XXXIII (148), 1998 (4.º), 871-883. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Disponível em:

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224154176E1jDU8rb4Nc15SI4.pdf> - Pesquisa 07/03/2014

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política.** Livro I, vol I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1980

NAVILLE, Pierre. **Essai Sur la Qualification du Travail.** Paris: Librairie Marcel Rivière et Cie, 1956. (Tradução livre disponível).

PAIVA, Vanilda. **Produção e qualificação para o trabalho: uma revisão da bibliografia internacional.** Rio de Janeiro: UFRJ/IEI, 1989. 72 p. (Texto para discussão, 214).

PEDROSO, Eliane. Da negação ao reconhecimento da escravidão contemporânea. In: VELLOSO, Gabriel; FAVA, Marcos Neves (Coords.). Trabalho escravo contemporâneo: o desafio de superar a negação. São Paulo: LTr., 2006, p. 17-73.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). (2009). Estatística, população, trabalho e rendimento. Acesso em: 21 de out. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/>

POCHAMANN, Marcio. **Trabalho em questão neste início de século XXI**. In: Thaiz Braga, Francisco Vidal, Laumar Neves (orgs.). Trabalho em questão. (pp. 12-26) Salvador: (Série estudos e pesquisas, 86) SEI. 348, 2010.

Relatório de Acompanhamento Setorial(UNICAMP – 2008) – nov. 2009. Disponível em: http://www.eco.unicamp.br/neit/images/stories/arquivos/RelatorioABDI/Txtil_Confeco_vol_I_V.pdf

Relatório macroeconômico da Indústria Têxtil e Confeccionista no Brasil – EMI – ABIT/TEXBRASIL – 2006-2010.

Disponível em: <http://www.iemi.com.br/biblioteca/publicacoes-setoriais/brasil-textil-2011/>

SILVA, Sandra R. A.; MENEZES, Marilda A. **Os jovens no mercado de trabalho precário e informal do Polo de Confecções do Agreste de Pernambuco**. In: ARAÚJO, Angela M. C; OLIVEIRA, Roberto V. (orgs.). **Formas de Trabalho no Capitalismo Atual**: condição precária e possibilidades de reinvenção. São Paulo: Annablume, CNPQ: 2011, p. 67- 86.

TARTUCCE, Gisela Lobo B. P. **Algumas Reflexões sobre a Qualificação do Trabalho a partir da Sociologia Francesa do Pós-Guerra**. Revista Educação e Sociedade, Campinas, vol. 25 n. 87, p. 353-382, maio/ago. 2004. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>